

**FILOSOFIA E EDUCAÇÃO BÁSICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA
INSERÇÃO DE PRÁTICAS DE FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE CARIACICA DO ESTADO DO ESPÍRITO
SANTO**

Bárbara Cristina da Silva Sousa¹
José Raimundo Rodrigues²

Resumo: O presente texto busca dialogar acerca da inserção de práticas de filosofia no currículo do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Cariacica do Estado do Espírito Santo. Procura, ainda, discutir sobre a importância do ensino de filosofia no Ensino Fundamental e sua relação com a formação crítica dos sujeitos. Para tanto, analisa o documento Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica: Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), com base nos pressupostos teóricos formulados por Marx e outros teóricos da perspectiva materialista-dialética. Conclui que apenas a inserção de práticas de filosofia no currículo não garante a efetividade do trabalho voltado à consciência filosófica. No entanto, essa inserção, assim como a presença de professores de filosofia nas escolas, se configura como importante avanço em relação à educação visando a formação crítica de sujeitos politicamente autônomos.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Ensino Fundamental. Formação crítica.

**PHILOSOPHY AND BASIC EDUCATION: SOME CONSIDERATIONS OF THE
INSERTION OF PHILOSOPHY PRACTICES IN THE FUNDAMENTAL
EDUCATION OF THE MUNICIPAL PUBLIC NETWORK OF CARIÁCIA OF THE
STATE OF ESPÍRITO SANTO**

Abstract: The present text seeks to dialogue about the insertion of practices of Philosophy in the curriculum of Fundamental Education of the Municipal of Cariacica of state of Espírito Santo. It also seeks to discuss the importance of the teaching of philosophy in Elementary School and its relation with the critical formation of subjects. In order to do so, it analyzes the document Curricular Guidelines of the Municipality of Cariacica: Elementary School (6th to 9th grade), based on the theoretical assumptions formulated by Marx and other theorists of the materialist-dialectical perspective. It concludes that only the insertion of practices of philosophy in the curriculum does not guarantee the effectiveness of the work focused on the philosophical conscience; however, this insertion, as well as the presence of philosophy teachers in schools, constitutes an important advance in relation to education aiming at critical formation of politically autonomous subjects.

Key-words: Teaching philosophy. Elementary School. Critical training.

¹ Professora da Prefeitura de Cariacica. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestranda em Educação na linha de pesquisa Educação e Linguagens pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: <barbaracjs@yahoo.com.br>.

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. E-mail: <jrrzenga@yahoo.com.br>.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Parece haver algo na filosofia que rejeita qualquer tentativa de apropriar-se dela. Afirmado-se pelo pensamento, a filosofia abre as portas ao invés de fechá-las (KOHAN; WAKSMAN, 1998, p. 9).

“Me diz, pra que filosofia?”. Essa pergunta foi realizada por uma professora sobre a inserção de filosofia no currículo do ensino fundamental da Rede Municipal de Cariacica. No contexto das políticas da Secretaria Municipal de Educação, tal atividade se destina ao trabalho interdisciplinar com alunos de 6º aos 9º anos. A pergunta proposta pela professora é a mesma que tem motivado a produção do presente texto, em que objetivamos problematizar e dialogar a respeito da filosofia enquanto proposta escolar no ensino fundamental e a sua contribuição para a formação crítica e política dos sujeitos.

Inicialmente, apresentamos uma reflexão sobre o sentido da filosofia. Não queremos defini-la, nem tampouco, pedagogizá-la, mas queremos expor como compreendemos essa atitude filosófica, como ela se caracteriza e como contribui para problematizar as práticas escolares, colaborando, também, para a problematização de toda a sociedade. A pergunta disparadora da reflexão exige entender como a filosofia se articula com a vida humana e, especificamente, com as crianças que frequentam o espaço escolar.

Num segundo momento, apresentamos como as práticas de filosofia foram elaboradas, procurando contextualizar a inspiração que guiou tal processo, os jogos de poder que o tornaram possível e como se configura num documento municipal que versa sobre o ensino fundamental. Dessa maneira, o presente artigo é de cunho bibliográfico e documental, reconhecendo que os documentos são de extrema importância na organização de políticas educacionais e que a inserção de práticas de filosofia no texto por nós analisado determina as características de sua implementação. O documento, que está disponível nas escolas municipais, foi acessado em meio ao contexto daquela pergunta inicial e procurando-se também responder à demanda de um grupo de professores que ora não conseguiu compreender bem o sentido da filosofia enquanto uma das áreas de conhecimento disponível aos estudantes de Cariacica.

Por fim, consideramos como as práticas de filosofia no município de Cariacica têm contribuído para uma presença de professores de filosofia nas escolas, gerando movimentos novos de interpelação sobre o fazer pedagógico, possivelmente, ultrapassando, em muito, o compilado no documento.

2 POR UM SENTIDO DA FILOSOFIA

Concordamos com Kohan e Waksman (1998), de que a filosofia abre portas para novas possibilidades, novos olhares, novas problematizações, a filosofia suscita a reflexão. Aquele questionamento acerca do “pra que filosofia” não se materializa em uma simples indagação, mas vai ao encontro de um modo de conceber o ensino da filosofia nas escolas e o ato filosófico em si, tendo em vista o contexto histórico-social em que vivemos. Vai também ao encontro de um modo de se conceber o próprio ensino fundamental como etapa formativa que, ao lidar com crianças e adolescentes, pode ou não potencializar suas atitudes interrogativas diante do mundo e contribuir para que assumam com criticidade um lugar social.

Algo que se destaca na pergunta em questão diz respeito ao caráter pragmático envolto ao questionamento, o que corrobora com a lógica cética e pragmática do neoliberalismo moderno (DELLA FONTE; DUARTE, 2010), voltada às coisas práticas, imediatas, eficazes, objetivas, mensuráveis e de rápida aplicação. Nessa sociedade direcionada ao atendimento às demandas do mercado capitalista e cada vez mais reificada, a filosofia tem sido vista, muitas vezes, como inútil. No entanto,

[...] a filosofia é necessária. É a filosofia que reúne o pensamento fragmentado pelas ciências e demais formas de conhecimento, buscando compreender o mundo da técnica dilacerado em tantas especializações. Quer resgatar, assim, a unidade que se encontra no sentido humano do pensar e do agir (ARANHA, 1996, p. 107).

As práticas escolares quase sempre também se guiam pelo imediatismo e, mesmo sem se perceber, muitos profissionais contribuem para essa visão ao sugerir que todo o conhecimento proposto no contexto escolar precisa diretamente relacionar-se a algo do cotidiano. Sem dúvida, o contexto de cada estudante é de grande relevância para o aprendizado, mas por ser cotidiano ele nos exige uma resposta que não se manifeste na imediatez, mas na capacidade reflexiva de se analisar o mundo para saber nele se posicionar.

Com isso, entendemos que é por intermédio da reflexão filosófica que o homem se coloca num distanciamento necessário ao imediatismo, a fim de vislumbrar outras possibilidades por meio de questionamentos, desvelando o que sem esse distanciamento, permanece encoberto pelos costumes, pelo já sabido, pelo senso comum, pelas ideologias que mascaram a realidade e, até mesmo, pela própria ciência. Contudo, é importante ressaltar que “[...] a filosofia só faz jus a si mesma quando é mais que uma disciplina específica”

(ADORNO, 1995, p. 53). Nesse contexto, a filosofia não se configura em uma disciplina escolar ou conteúdo, mas em atitudes tomadas pelo homem, diante da realidade. “Eis, pois, o objeto da filosofia, aquilo que trata a filosofia, aquilo que leva o homem a filosofar: são os problemas que o homem enfrenta no transcurso de sua existência” (SAVIANI, 1996, p. 10). Assim,

[...] mesmo com a sociedade mercantil progressivamente reificada, então a filosofia pode ser lida como sendo o potencial de resistência por meio do próprio pensamento que o indivíduo opõe à apropriação parva de conhecimentos (ADORNO, 1995, p. 56).

Desse modo, a filosofia que aqui consideramos deve ser praticada, como realidade concreta, portanto, não distanciada da prática, sendo a ação política seu fio condutor. Para Marx (1972, p. 2), a “[...] missão da filosofia a serviço da história, consiste em desmascarar a auto-alienação [...]”. Com isso, a realização da filosofia não pode ser outra, senão o homem liberto de seus domínios alienantes. Por isso, a reflexão teórica deve ceder lugar à prática revolucionária transformadora por meio da teoria e prática indissociáveis. É na práxis escolar que se pode, pois, constituir pela mediação filosófica espaços-tempos que assegurem um olhar para a sociedade que busca questioná-la com o objetivo de transformá-la. Desse modo, “[...] tarefa crítica da filosofia só pode ser exercida através de um pensamento que inclua uma análise sociológica, histórica e econômica da realidade” (MARCONDES, 2001, p. 235).

Ressaltamos ainda que, de acordo com a perspectiva fundamentada nos escritos de Marx, a incumbência da crítica da filosofia coincide em penetrar na verdadeira realidade das relações de produção, da estrutura social, para além das superficialidades (MARCONDES, 2001, p. 231). Todavia, esse movimento de problematização da realidade, assim como das contradições sociais, requer o questionamento a respeito da concepção hegemônica de mundo com o intuito de promover a passagem do senso comum à consciência filosófica, que é “[...] condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária” (SAVIANI, 1996, p. 6). Para o autor (1996, p. 2),

passar do senso comum à consciência filosófica significa passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intelectual, ativa e cultivada.

Situando esse processo de reflexão filosófica no âmbito educacional e sua relação com a formação crítica dos sujeitos, a filosofia se coloca como lugar de promoção do homem. Isso “significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para

intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 1996, p. 40). A filosofia não é apenas um ato de verbalização problematizadora, mas um ato que procura as raízes dos problemas numa análise profunda e de conjunto. Pensar é próprio do humano e é a capacidade que lhe permite voltar-se sobre si mesmo, aprofundando-se enquanto humanização.

Assim, a possibilidade do trabalho voltado às práticas de filosofia nas escolas de ensino fundamental não versa sobre os aspectos pragmáticos de enquadramento disciplinar, mas um caminhar, que mesmo envolto a importantes contradições, propicia o questionamento e a reflexão, tendo em vista que

a educação é uma prática social que envolve decisões diversas, que vão desde a escolha de saberes considerados fundamentais até a perspectiva de sujeito que se pretende formar; ela se constitui, portanto, de inúmeras decisões éticas e políticas (DELLA FONTE, 2010, p. 55).

Talvez, aqui encontre-se uma questão crucial. Não se pode reduzir a filosofia a uma série de conteúdos a serem discutidos com os estudantes. A filosofia, proposta pelo documento, é uma prática a ser vivenciada no seio da escola como possibilidade de se enfrentar o real. Deseja-se com a filosofia, praticar o filosofar, construir formas discursivas que discutam a realidade na sua complexidade, fazendo elucidar suas contradições, impulsionando novas maneiras de olhar sobre o mesmo, recusando-se a assumir uma postura passiva diante da vida. Ao “pra que filosofia?” poderíamos responder: para nos lançar nesse movimento em que, qual pedra lançada num lago calmo, inicia uma série de outros questionamentos numa infundável forma de saber-se pensante e acolhendo cada situação como filosófica, ou seja, como passível de uma reflexão.

A relação entre filosofia e infância pode ser compreendida desde o lugar das possibilidades. Kohan (2015) afirma que “[...] a filosofia e o filosofar são também escuta atenta dos possíveis no pensamento, e a infância é, justamente, pelo menos num sentido, o reino das possibilidades e da ausência de determinação” (KOHAN, 2015, p. 217). Tanto a filosofia quanto a infância lidam com o mundo como uma abertura para o que ainda não existe, como uma reescrita do que já está determinado, como nova forma de se estar no mundo.

A infância, enquanto realidade em contato direto com o sensível, evoca a filosofia no seu aspecto mais original de “amor à sabedoria” e convoca a todos a se recolocar no lugar do in-fante, daquele que ad-mirado frente ao mundo que se questiona, lança-se no mistério da

reflexão e ousa balbuciar, ainda que cheio de dúvidas, as possibilidades do dizer o mundo (KOHAN, 2015). Por isso, práticas de filosofia não se destinam a um simples processo intelectual e racional, elas querem provocar nas crianças e adolescentes a possibilidade de se dizerem desde seu lugar na infância.

Em tempos em que a infância e juventude tem sido roubada às crianças e adolescentes, e que se busca instrumentalizá-la de diversas formas numa sociedade que privilegia o consumo, a filosofia é uma possibilidade de se voltar à infância como atitude de questionamento e de perplexidade, movendo uma reflexão que questiona qualquer negação não só de uma etapa da vida, mas de um estado de espírito que pode nos acompanhar ao longo da vida.

Isto posto, trataremos das diretrizes curriculares municipais para o ensino fundamental e suas possíveis implicações para a formação crítica dos sujeitos. A reflexão sobre o documento municipal procura realçar como no mesmo se assimilou esse sentido da filosofia aqui refletido.

3 PRÁTICAS DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE CARIACICA: AS DIRETRIZES CURRICULARES DO MUNICÍPIO EM DIÁLOGO

[...] mas não se pode pensar em nenhum homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque o pensar é próprio do homem como tal [...] (GRAMSCI, 1978, p. 44-45).

Diante da necessidade de elaboração de um documento curricular, constatada durante encontros de formação continuada de professores da Rede Pública Municipal de Cariacica, iniciou-se o movimento de discussão e produção das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental, de 6º ao 9º ano. Nas palavras do documento:

esse movimento teve início nos cursos de formação continuada desenvolvidos com os educadores da rede, nos quais foi apontada a necessidade de traçar uma política de ação curricular que identificasse as inúmeras implicações teóricas e prático-políticas presentes na dinâmica curricular do município. A proposta de trabalho da Rede Municipal de Cariacica, baseou-se nos princípios de democracia, educação de qualidade, inclusão e diversidade, sujeito crítico e emancipação (CARIACICA, 2012, p. 12).

Esse documento indica como pressupostos teórico-filosóficos os princípios da gestão democrática, fundamentados na perspectiva histórico-cultural, que, por sua vez, embasam as

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 54-66, jan./jun. 2019.

orientações e proposições para a educação no município. Portanto, as diretrizes curriculares voltadas à disciplina de filosofia, apresentadas no capítulo intitulado “Práticas de Filosofia e Ciências Sociais”, são constituídas por tais pressupostos.

Ainda de acordo com as diretrizes do município,

[...] as Práticas de Filosofia e Ciências Sociais se inserem na educação de Cariacica a partir da política educacional adotada pelo município, que toma por base a educação progressista. As Ciências Sociais, colocando em questão a relação entre indivíduo e sociedade, e a Filosofia, entendendo o pensamento como um movimento que põe em jogo a experiência do pensar, permitem ao indivíduo uma compreensão profunda da sociedade, através da crítica, da reflexão, da criatividade e da curiosidade. Estes saberes, por sua especificidade podem contribuir para se imprimir no meio educacional a busca por uma educação cidadã emancipatória (CARIACICA, 2012, p. 104-105).

As “Práticas de Filosofia” são inseridas na Rede Municipal de Cariacica vinculadas às “Práticas de Ciências Sociais”. No entanto, neste texto, nos deteremos em dialogar, especificamente, acerca das práticas envolvendo a disciplina filosofia. Entendemos que os aspectos sociais são elementos constitutivos das práticas filosóficas, logo, tais práticas se constituem como práticas sócio-filosóficas.

Mesmo sem a obrigatoriedade da inclusão da disciplina de filosofia no currículo do Ensino Fundamental, segundo o documento em questão, a presença da filosofia nessa etapa da Educação Básica já era bastante comum, por meio de programas e projetos transversais, devido aos saberes de filosofia, que são considerados fundamentais para a compreensão do ser humano e da realidade. Ademais, o referido documento destaca que

[...] uma educação que visa à emancipação intelectual, política, ética e emocional do sujeito, que propõe a construção de subjetividades não alienadas que possam intervir no processo histórico como agentes e que visa se contrapor à hegemonia da atual concepção neoliberal, não pode prescindir desses saberes, tanto do ponto de vista do conhecimento acumulado por eles e do conhecimento que podem gerar, quanto da postura e atitudes que podem provocar no ambiente educacional (CARIACICA, 2012, p. 104-105).

As perspectivas de educação e de sujeito materializadas nas diretrizes se aliam aos pressupostos anunciados; Contudo, é importante que tais perspectivas se constituam em bases para as práticas filosóficas nas salas de aula, para sua efetividade enquanto prática revolucionária, como caminho oposto à filosofia hegeliana, criticada por Marx que, dentre outros aspectos, se fundamentava no idealismo.

De certo, seria precipitado tecer uma análise de práticas, tendo como objeto apenas um documento curricular. No entanto, nosso diálogo se estabelece no entre/com as diferentes

vozes que constituem os enunciados materializados nos textos das Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica, compreendendo que tal texto foi “[...] tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras” (BARROS; FIORIN, 2003, p. 4). Com isso, inserimo-nos nessa cadeia dialógica não de forma passiva, mas como sujeitos dialógicos historicamente situados (BAKHTIN, 2014).

As “Práticas de Filosofia” na rede de ensino de Cariacica se instituem de modo transversal e interdisciplinar. Desse modo, sua inserção ocorre fora da convencional “grade curricular”, estabelecendo como prática articuladora os diferentes saberes por meio de ações e projetos no âmbito da comunidade escolar como um todo. Segundo as Diretrizes,

esta opção tem como base as evidências que surgiram da pesquisa realizada na rede quando da inserção desses saberes no sistema de ensino municipal. Ao trabalharmos na pesquisa com todos os segmentos envolvidos na escola, a saber, aluno, professores, família e comunidade, ficou evidente que todo o contexto escolar deve se beneficiar desses saberes. Nesse sentido se engessarmos esses saberes em grades com espaço, tempo, conteúdos e procedimentos determinados estaremos perdendo oportunidade ímpar de enriquecer, dinamizar e fazer circular o conhecimento na escola. Ao contrário, se os colocarmos em espaços/tempos mais flexíveis teremos mais possibilidades de atingir todo o contexto escolar (CARIACICA, 2012, p. 104-105).

Portanto, as Diretrizes apontam objetivar, por meio das práticas, a instauração do pensar filosófico subjacente aos projetos pedagógicos da escola, assim como a articulação de diversos saberes por intermédio de projetos pensados e praticados nas diferentes disciplinas, a fim de contribuir para a interdisciplinaridade, além do fomento a ações de representação instituídas na escola, sendo essas o Conselho de Escola e o Grêmio Estudantil.

Pressupondo uma educação que vise à promoção do homem, é importante considerar que “[...] são as necessidades humanas que irão determinar os objetivos educacionais. E essas necessidades devem ser consideradas em concreto, pois a ação educativa será sempre desenvolvida num contexto existencial concreto” (SAVIANI, 1996, p. 39). Nesse sentido, a metodologia proposta para as práticas voltadas à reflexão filosófica deve dialogar com os pressupostos mencionados, tendo em vista os objetivos traçados. Recorde-se que, em se tratando de práticas de filosofia, a metodologia não se circunscreve a um mero roteiro a ser mecanicamente seguido. A metodologia filosófica é a própria prática de assumir uma postura de suspeita diante da realidade, inclusive as realidades de cada disciplina, a realidade de cada sujeito que faz parte da comunidade escolar, a realidade do que é estar numa escola e das funções dessa instituição.

Por isso, a respeito da metodologia, as Diretrizes, utilizando os princípios da dialética, indicam que

[...] a proposta caminha em direção a uma prática pedagógica que prioriza tanto a construção do conhecimento por todos os sujeitos envolvidos no contexto escolar, enfatizando a diversidade dos sujeitos, as diferenças culturais e a re-contextualização dos conhecimentos sistematizados a partir dos interesses valorizados pela comunidade rumo a um movimento de emancipação, como também a integração escola-comunidade e a resignificação do espaço-tempo, onde se pretende provocar transformações significativas, promovendo uma experiência do pensar como uma característica da Filosofia (CARIACICA, 2012, p. 109).

De acordo com Saviani (2012, p. 73), “[...] a educação [...] não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediado, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática”. É nesse aspecto que se instaura a relevância de uma metodologia que possibilite esse movimento de formação e transformação, que desencadeie a prática “[...] empenhada decididamente em colocar a educação a serviço da referida transformação das relações de produção” (SAVIANI, 2012, p. 76).

Cumprir ainda dizer que não se atribui às práticas de filosofia um papel salvacionista. O documento mostra que não se tem tal pretensão, mas que há um desejo de que as contribuições da filosofia fortaleçam a consolidação da aprendizagem num âmbito mais amplo que ultrapassa a esfera de conteúdos e seus tratamentos de forma estanque. Quem está no centro das práticas de filosofia não é a própria filosofia ou o ato filosófico de se questionar. Quem ocupa o lugar central é o homem com toda a complexidade de sua existência. E por ter o homem como referência - considerado numa perspectiva dialética e num forte vínculo com a dimensão ontológica do trabalho e suas implicações sociais - as práticas de filosofia, da forma como foram idealizadas e têm se constituído, respondem a um indicativo marxista sobre a formação omnilateral, tocando o humano na sua integralidade.

O documento municipal, certamente, gera angústias nos meios pedagógicos mais tradicionais, pois não determina conteúdos, não estabelece temas, não põe em funcionamento a máquina de “ensino-aprendizagem”. Aí está um dos aspectos mais relevantes da inserção das práticas de filosofia no texto das diretrizes. Elas aparecem como práticas e se destinam ao contexto das comunidades escolares, não podendo, de antemão, serem delimitadas. Novamente, é a práxis que a guia. A necessidade de se refletir sobre uma dada situação é que colocará em movimento a prática filosófica. Isso demanda dos profissionais da escola um constante revisitar de suas próprias práticas e uma capacidade de diálogo com aqueles que, no interior da escola, irão mediar o exercício filosófico.

Curiosamente, apesar de tanto se falar em cotidiano escolar, geralmente busca-se um apego a rotinas escolares, numa repetição de práticas, numa reprodução de atos, numa mecanização de falas e posturas. Ao se sugerir práticas de filosofia que dialogam com a realidade escolar, o documento municipal abre para uma perspectiva de saber construído a partir do cotidiano que, dia após dia, se mostra novo, irrepetível, incomparável, não aceitando as restrições das pautas e das notas. Mas não deveria ser assim com os conteúdos que desejamos tanto inculcar sobre nossos estudantes? Tudo deveria ter certo sabor de novidade.

Nascidos da vida e da prática sempre inusitada, os questionamentos podem nos fazer remontar aos conteúdos de História, de Geografia, de Matemática, de Ciências, de Língua Portuguesa, de Inglês, de Arte, de Educação Física, porém sempre extrapolando-os, ultrapassando os muros da escola, desvelando o antigo mundo como clara novidade que se desperta aos nossos olhos. Além disso, recupera-se, também, nos educadores essa capacidade intelectual de questionar, de indagar, de tudo perguntar e de nunca se satisfazer com respostas que enclausuram o humano nos ditames daqueles que têm a educação como mercadoria ou compreendem a escola como simples reprodutora do *status quo*.

Mais uma vez, ao “pra que filosofia?” se contrapõe uma inequívoca necessidade de se problematizar o espaço escolar, desenvolvendo em seu interior um processo de contínua crítica. Não se espera, conforme as Diretrizes, que as práticas de filosofia sejam apenas um adendo no contexto escolar, pois elas podem ser um fomento do qual não se pode prever resultados palpáveis, mensuráveis. As práticas vivenciadas na escola são exercício, também, de uma forma de cidadania no interior da instituição, que podem se transformar em mola propulsora para uma prática cidadã que tenha como objetivo a superação da exploração dos mais empobrecidos pelo acesso à cultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala (BAKHTIN, 2014, p. 101).

Nossa proposta de problematizar e dialogar sobre a filosofia, seu processo de ensino e sua inserção como disciplina do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Cariacica

emergiu de uma conversa informal com uma professora; Porém, no momento da indagação, considerando o contexto em que nos encontrávamos, não foi possível problematizar. No entanto, tal questão possibilitou outras indagações, tendo em vista que nossos enunciados são sempre endereçados, situados, datados, se configuram em respostas, réplicas.

Da mesma forma, os enunciados materializados em um documento respondem a alguma outra enunciação, são endereçados a um determinado auditório social e todas essas decisões são ações políticas. Incluir uma prática não obrigatória no currículo do ensino fundamental é uma ação política. Elaborar coletivamente diretrizes para subsidiar práticas de filosofia nas escolas é uma ação política. No entanto, apenas essas não garantem aos sujeitos da escola, aos alunos, uma formação crítica.

As Diretrizes Curriculares e, especificamente, o capítulo analisado “Práticas de Filosofia e Ciências Sociais” nos indica uma considerável preocupação voltada para a formação crítica dos sujeitos, considerando as propostas, objetivos, pressupostos teóricos e metodologia. Ademais, as práticas propostas são promovidas por professores concursados com Licenciatura em Filosofia e Ciências Sociais, o que, diante da conjuntura do Brasil em relação à formação e carreira docente, caracteriza-se em um importante avanço para a educação do município.

Não se trata de responsabilizar apenas os professores de filosofia pela promoção da formação crítica dos sujeitos; Se trata em considerar esse movimento como fomento a novas possibilidades, como possibilidade de enfretamento ao pragmatismo instaurado em nossa atual sociedade e tão presente no seio escolar. Concordamos com Adorno (1996, p. 73), quando menciona que “[...] é preciso não se conformar com a constatação da gravidade da situação e a dificuldade de reagir frente a ela, mas refletir acerca dessa fatalidade e suas consequências para o próprio trabalho”.

Sabemos que a formação humana é um processo contínuo e histórico. No entanto, segundo Marx, os homens fazem a história, por isso há possibilidade de transformação. Para tanto, necessitamos do que Saviani (2012, p. 71) chama de instrumentalização, a qual, segundo o autor, “trata-se da apropriação das camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem” e não podemos negar que a filosofia, o conhecimento filosófico, as práticas de filosofia podem contribuir, significativamente, neste processo.

Cumpramos ressaltar que, entre o compreendido como filosofia e aquilo proposto nas diretrizes como Práticas de Filosofia em relação ao que se efetiva nas escolas, há sempre um distanciamento, por vezes restringindo, noutras ampliando o que se idealizou. Nascidas da percepção questionadora dos professores, as práticas foram gestadas, articuladas e compiladas num documento. Elas vieram da prática e se voltam para a prática, por isso a pergunta inicial continua válida: “Pra que filosofia?”.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CARIACICA. **Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica/ES**. Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano) . Prefeitura Municipal de Cariacica - ES: Secretaria Municipal de Educação de Cariacica - ES, 2012.
- DELLA FONTE, Sandra Soares; DUARTE, Newton. (Org.) **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera (Org.). **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 216-226, jul./dez. 2015.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito**: Introdução. Temas de Ciências Humanas. São Paulo: Editora Grijalbo, 1972.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 1996.
- Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 1, p. 54-66, jan./jun. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

Trabalho recebido em: 07/07/2018

Aprovado em: 16/01/2019

Publicado em: 30/06/2019

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO

SOUSA, Bárbara Cristina da Silva; RODRIGUES, José Raimundo. Filosofia e educação básica: algumas considerações acerca da inserção de práticas de Filosofia no ensino fundamental da Rede Pública Municipal de Cariacica do Estado do Espírito Santo. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 25, n. 1, p. 54-66, jan./jun. 2019.